

ANDREA O'REILLY

FEMINISMO MATRICÊNTRICO: UM FEMINISMO PARA MÃES

O objetivo deste artigo é apresentar um modo de feminismo centrado na mãe - o que chamei de "feminismo matricêntrico" - para considerar o contexto e os desafios de uma teoria e política feminista centrada na mãe, e sugerir direções para pesquisas futuras. A maternidade, pode-se dizer, é uma tarefa inacabada do feminismo. O feminismo matricêntrico busca fazer da maternidade o negócio do feminismo, posicionando as necessidades e preocupações das mães como o ponto de partida para uma teoria e política sobre e para o empoderamento das mulheres. Esse reposicionamento não deve sugerir que um feminismo matricêntrico deva substituir o pensamento feminista tradicional; em vez disso, é para enfatizar que a categoria de mãe é distinta da categoria de mulher e que muitos dos problemas que as mães enfrentam - sociais, econômicos, políticos, culturais, psicológicos e assim por diante - são específicos para os papéis e identidade das mulheres como mães. Na verdade, as mães são oprimidas pelo patriarcado como mulheres e como mães. Conseqüentemente, as mães precisam de um modo matricêntrico de feminismo organizado a partir de e para sua identidade particular e trabalhar como mães. Na verdade, um feminismo centrado na mãe é necessário porque as mães - possivelmente mais do que as mulheres em geral - permanecem desempoderadas, apesar de quarenta anos de feminismo. Meu trabalho não racionaliza ou defende a necessidade de um feminismo centrado na mãe, pois o considera um dado adquirido. Em vez disso, este artigo se esforça para descrever e discutir este modo de feminismo focado na mãe, que surgiu como resultado e em resposta às identidades específicas das mulheres e trabalhar como mães.

Em *A Room of One's Own*, Virginia Woolf escreve “uma mulher deve ter dinheiro e um quarto próprio se quiser escrever ficção” (1). Para mim, esta citação serve para situar e enquadrar o que tem sido uma preocupação minha apaixonada nas últimas três décadas, visto que busquei fazer o feminismo como mãe e a maternidade como feminista: ou seja, as mães precisam de um feminismo próprio. Quando uso o termo “mães”, refiro-me a indivíduos que se dedicam ao trabalho materno ou, como Sara Ruddick teorizou, à prática materna. Esse termo é não se limita às mães biológicas, mas a qualquer pessoa que desempenhe o trabalho de maternidade como uma parte central de sua vida. O objetivo deste artigo é apresentar esse modo específico de feminismo - o que chamei de “feminismo matricêntrico” - para considerar o contexto e os desafios de uma teoria e política feministas centradas na mãe e sugerir direções para pesquisas futuras.

Background e Contexto

O artigo trabalha a partir de uma suposição particular: a maternidade é importante e central para a vida das mulheres que são mães. Ao dizer isso, não estou sugerindo que a maternidade é tudo o que importa ou que é o mais importante. Estou sugerindo que qualquer compreensão da vida das mães é incompleta sem uma consideração de como tornar-se e ser mãe molda o senso de como ela vê e vive no mundo. De fato, como Eva Feder Kitty enfatiza, “a maioria das mulheres cuida de seus dependentes em algum momento e, para muitas mulheres, isso ocupa a maior parte de suas vidas” (STEPHENS,

2011, p.141). Como estudiosa da maternidade, diretora de um centro de pesquisa sobre maternidade, editora de um jornal sobre maternidade e editora de uma editora sobre maternidade, conversei com mais mães e li mais estudos sobre maternidade do que a maioria, e posso dizer com segurança que para as mulheres que são mães, a maternidade é uma dimensão significativa, se não definidora, de suas vidas e que, sem dúvida, **a maternidade é mais importante do que o gênero**. Não procuro substanciar essas afirmações, mas sim tomá-las como meu ponto de partida. As mães precisam de um feminismo que coloque a maternidade em seu centro.

A maternidade, pode-se dizer, é uma tarefa inacabada do feminismo. Por exemplo, uma revisão superficial de bolsas de estudo recentes sobre mães e emprego remunerado revela que, embora as mulheres tenham obtido ganhos significativos nas últimas três décadas, as mães não. As mães na força de trabalho remunerada são "rastreadas pela mamãe", pois ganham sessenta centavos para cada dólar ganho por pais em tempo integral nos EUA (WILLIAMS, 2000, p.2). **Na verdade, hoje, a diferença salarial entre mães e não mães com menos de trinta e cinco anos é maior do que a diferença salarial entre homens e mulheres jovens (CRITTENDEN, 2001, p.94).** E embora o "teto de vidro" e o "piso pegajoso" ainda sejam encontrados no local de trabalho, a maioria dos estudiosos argumenta que é a "parede materna" que impede e atrapalha o progresso da maioria das mulheres no local de trabalho hoje. Como escreve Ann Crittenden, "muitas mulheres sem filhos com menos de trinta e cinco anos acreditam que todas as batalhas feministas foram vencidas...[mas] quando uma mulher tem um bebê, a festa igualitária do escritório acaba" (p. 88).

O feminismo matricêntrico busca **fazer da maternidade o negócio do feminismo**, posicionando as necessidades e preocupações das mães como o ponto de partida para uma teoria e política sobre e para o empoderamento das mulheres. Esse reposicionamento não deve sugerir que um feminismo matricêntrico deva substituir o pensamento feminista tradicional; antes, é para **ênfatizar que a categoria de mãe é distinta da categoria da mulher** e que muitos dos problemas que as mães enfrentam - sociais, econômicos, políticos, culturais, psicológicos e assim por diante - são específicos para o papel e a identidade das mulheres como mães. Na verdade, as mães são oprimidas pelo patriarcado como mulheres e como mães. Consequentemente, as mães precisam de um modo matricêntrico de feminismo organizado a partir de e para sua identidade particular e trabalhar como mães. Na verdade, um feminismo centrado na mãe é necessário porque as mães - provavelmente mais do que as mulheres em geral - permanecem sem poder, apesar de quarenta anos de feminismo. Meu trabalho não racionaliza ou defende a necessidade de um feminismo centrado na mãe, pois o considera um dado adquirido. Em vez disso, este artigo se esforça para descrever e discutir este modo de feminismo focado na mãe - o que chamei de "feminismo matricêntrico" - que surgiu como resultado de e em resposta às identidades específicas das mulheres e trabalho como mães.

Eu uso o termo "matricêntrico" para definir e descrever um modo de feminismo centrado na mãe. A crítica literária feminista Elaine Showalter usa o termo "ginocêntrica" para significar uma perspectiva centrada na mulher; da mesma forma, eu uso matricêntrico para transmitir uma perspectiva centrada na mãe. **A escolha de usar a palavra "matricêntrico" em vez de "maternal" e usar o termo "feminismo matricêntrico" em vez de "feminismo materno" é feita para distinguir um feminismo focado na mãe da teoria e**

política do maternalismo. A escritora Judith Stadtman Tucker argumenta que o maternalismo "está de acordo com a ideologia dominante da maternidade e enfatiza a importância do bem-estar materno para a saúde e segurança das crianças". "Maternalismo", ela continua, "se sobrepõe ao que tem sido chamado de *feminismo da diferença*' - particularmente a ideia de que as mulheres são 'naturalmente' ou intuitivamente mais empáticas, menos exploradoras e mais sintonizadas com o ambiente relacional do que os homens" (2). Da mesma forma, Rachel V. Kutz- Flamenbaum, escrevendo na Enciclopédia da Maternidade, diz o seguinte:

maternalismo, como o paternalismo, é uma ideologia e filosofia. Isto afirma que "a mãe sabe melhor" e que as mulheres, como grupo, mantêm um conjunto de ideias, crenças ou experiências que refletem seus conhecimentos e forças maternas. Maternalismo sugere que as mulheres são (e deveriam ser) a consciência moral da humanidade e afirma o investimento legítimo das mulheres nos assuntos políticos através desta ênfase. (II: 712)

Patrice DiQuinzio elabora ainda que "**a política maternalista** se refere ao ativismo político e aos movimentos políticos que invocam a maternidade como a base da agência das mulheres" ("The Politics of the Mothers Movement in the United States" 58).

Uma perspectiva matricêntrica não deve ser confundida com uma maternalista. Embora algumas perspectivas no feminismo matricêntrico possam ser consideradas maternalistas, elas são amplamente limitadas ao ativismo de certas organizações de maternidade. Além disso, o feminismo matricêntrico entende a **maternidade como social e historicamente construída** e **posiciona a maternidade mais como uma prática do que como uma identidade.** Da mesma forma, central para a teoria feminista matricêntrica é uma crítica da postura maternalista que posiciona a maternidade como a base da identidade feminina; também, o feminismo matricêntrico desafia a suposição de que a maternidade é natural para as mulheres (ou seja, todas as mulheres sabem naturalmente como ser mães) **e que o trabalho da maternidade é conduzido pelo instinto ao invés da inteligência e desenvolvido mais pelo hábito do que pela habilidade.** Embora o feminismo matricêntrico mantenha uma perspectiva centrada na mãe, ele não apresenta um argumento ou agenda maternalista. Assim, o feminismo matricêntrico marca a diferença crucial entre o foco nas mães e uma política de maternalismo.

Ao discutir o feminismo matricêntrico, utilizo o conceito de um narrativa **matrifocal,** particularmente como foi desenvolvida na **teoria literária materna.** Em sua introdução a *The Mother/Daughter Plot*, Marianne Hirsch questiona por que no Édipo Rei de Sófocles, a voz de Jocasta, a mãe de Édipo, está faltando, e ela conecta esse silêncio narrativo a uma lacuna literária maior: "Ao perguntar onde está a história de Jocasta na história de Édipo, estou perguntando não só onde estão as histórias de mulheres nas tramas dos homens, mas onde estão as histórias das mães nas tramas dos filhos e filhas" (4). Ela conclui que "claramente, para conhecer a história materna de Jocasta...teríamos que começar pela mãe" (5). Baseando-se em Hirsh, Brenda O. Daly e Maureen T. Reddy enfatizam em *Narrating Maternity* que mesmo entre o número limitado de textos fictícios ou teóricos que "começam com a mãe por direito próprio, de sua própria perspectiva...[eles] raramente se apegam à perspectiva maternal; além disso, quando os textos mantêm essa perspectiva, os leitores e críticos tendem a suprimir a centralidade da

maternidade” (2-3). Daly e Reddy cunharam o termo "centrado na filha" para descrever a perspectiva em que "aprendemos menos sobre como é ser mãe do que sobre ser mãe, mesmo quando o autor teve as duas experiências” (2). Nas últimas três décadas, à medida que os estudos da maternidade emergiram como uma disciplina acadêmica distinta e estabelecida, essa centralização na filha foi combatida e corrigida tanto na ficção quanto na teoria. Na verdade, um objetivo central dos estudos sobre maternidade é articular e teorizar “a voz da mãe” - isto é, analisar o tornar-se e ser mãe a partir da perspectiva e da subjetividade das próprias mães. Adrienne Rich conclui *Of Woman Born* com estas palavras: “As palavras estão sendo ditas agora, estão sendo escritas, os tabus estão sendo quebrados, as máscaras da maternidade estão rompendo” (239). Quer esse “desmascaramento” (Maushart) seja transmitido por meio de um estudo sociológico das mães ou em um livro de memórias popular sobre a maternidade, as escritoras e estudiosas feministas se empenham em desmascarar a maternidade documentando a realidade vivida da maternidade. Ao fazer isso, eles se opõem à centralização da filha, descrita por Daly e Reddy, para criar e compor o que denomino uma "narrativa matrifocal".

Meu uso do termo matrifocal é extraído da discussão de Miriam Johnson sobre matrifocalidade em *Strong Mothers, Weak Wives*. As sociedades matrifocais, escreve ela, “tendem a ter maior igualdade de gênero por causa do poder de um paradigma materno” (226). Ela continua com o seguinte:

Nessas sociedades, independentemente do tipo particular de sistema de parentesco, as mulheres desempenham papéis de significado cultural e social e se definem menos como esposas do que como mães. Matrifocalidade, entretanto, não se refere tanto ao domínio materno doméstico quanto ao parente prestígio cultural da imagem da mãe, papel culturalmente elaborado e valorizado. As mães também são estruturalmente centrais no sentido de que a mãe como um status "tem algum grau de controle sobre os recursos econômicos da unidade de parentesco e está criticamente envolvida nos processos de tomada de decisão relacionados aos parentes". Não é a ausência de homens (os homens podem estar bem presentes), mas a centralidade das mulheres como mães e irmãs que torna uma sociedade matrifocal. (226)

Uma narrativa matrifocal, emprestada da terminologia de Johnson, é aquela em que a mãe desempenha um papel de significado cultural e social e na qual a maternidade é tematicamente elaborada e valorizada; é estruturalmente central para o enredo. Em outras palavras - e para se basear no trabalho de Hirsh, Daly e Reddy - as narrativas matrifocais “começam com a mãe por si mesma, de sua própria perspectiva”, e “se apegam à perspectiva materna; além disso, uma leitura matrifocal atende e acentua a temática materna em qualquer determinado texto.

A escrita materna, como observou Emily Jeremiah, “envolve uma divulgação da experiência materna e subverte a noção tradicional da mãe como um ser instintivo e puramente corporal. Portanto, deve ser entendida como uma ferramenta fundamental na redefinição da maternidade na qual as feministas estão engajadas” (231). “É impossível”, escreve Patrice DiQuinzio, “para a teoria feminista evitar a questão da maternidade, e é impossível para a teoria feminista resolvê-lo” (*Impossibilidade da Maternidade* xx). No

TRADUÇÃO LABORATÓRIO PIRATA

entanto, sugiro que uma perspectiva matrifocal que desmascara a maternidade e redefine a maternidade permite esses encontros e explorações.

O feminismo matricêntrico não é apenas matrifocal em seu foco, mas **também multi e interdisciplinar** em sua perspectiva. A teoria feminista matricêntrica baseia-se em muitas disciplinas acadêmicas - incluindo antropologia, história, estudos literários, sociologia, filosofia, psicologia, estudos de sexualidade e estudos femininos - bem como nas escolas estabelecidas de feminismo acadêmico. Na verdade, longe de ser uma ilha à parte, o feminismo matricêntrico é informado por escolas tradicionais de feminismo acadêmico e seus mais proeminentes teóricas: **feminismo mulherista e afro-americana** (bell hooks e Patricia Hill Collins); feminismo liberal (Ann Crittenden); feminismo psicanalítico (Nancy Chodorow e Jessica Benjamin); feminismo lésbico queer (Baba Copper); feminismo de diferença cultural (Adrienne Rich e Mielle Chandler); feminismo socialista (Mary O'Brien); e feminismo de terceira onda (Ariel Gore). Por exemplo, o feminismo matricêntrico é informado pelo compromisso feminista afro-americano com a importância epistemológica da experiência vivida, ao mesmo tempo que é informado pelo compromisso do feminismo de terceira onda com as análises interseccionais.

Frequentemente me perguntam o que é feminismo matricêntrico. Como um feminismo novo e emergente, é difícil definir feminismo matricêntrico a não ser dizer que é explicitamente matrifocal em sua perspectiva e ênfase - começa com a mãe e leva a sério o trabalho da maternidade - e que é multidisciplinar e **multiteórico** em sua perspectiva. Aponto em direção a uma definição possível listando o que vejo como os princípios e objetivos centrais e governantes do feminismo matricêntrico:

- afirma que o tema das mães, maternidade e maternidade é merecedor de investigação acadêmica séria e sustentada;
- considera a maternidade como um trabalho importante e valioso para a sociedade, mas enfatiza que a tarefa essencial da maternidade não é, e não deve ser, responsabilidade e dever exclusivos das mães;
- contesta, desafia e contrapõe a instituição patriarcal opressora da maternidade e busca imaginar e concretizar uma identidade materna e prática que é empoderadora para as mães;
- busca corrigir o centramento na criança que define grande parte do conhecimento e ativismo sobre a maternidade e busca desenvolver pesquisa e ativismo a partir da experiência e da perspectiva das mães;
- compromete-se com a mudança social e justiça social, e considera a maternidade como um empreendimento socialmente engajado e um local de poder, onde as mães podem e criam mudanças sociais por meio da educação dos filhos e do ativismo;
- entende que **a maternagem e a maternidade são determinadas culturalmente** e variável, e está empenhada em explorar a diversidade da maternidade experiência em toda raça, classe, cultura, etnia, sexualidade, habilidade, idade, e localização geográfica; e
- se esforça para estabelecer a teoria materna e os estudos sobre a maternidade como disciplinas acadêmicas autônomas, independentes e legítimas.

Esta lista é apenas parcial e provisória. É minha esperança que os estudos futuros levem a uma definição mais substantiva e robusta de feminismo matricêntrico para criar um feminismo, nas palavras da escritora feminista e ativista Marilyn Waring, para a qual mães e agentes de trabalho maternal¹ contam.

Controvérsias e desafios

O feminismo matricêntrico, entretanto, ainda precisa ser incorporado ao campo do **feminismo acadêmico**. Ao fazer essa afirmação, não estou dizendo que não existe nenhum estudo feminista sobre a maternidade; em vez disso, o feminismo matricêntrico permanece **periférico** ao feminismo acadêmico. Nas últimas três décadas como pesquisadora e editora sobre maternidade, ouvi **inúmeras histórias de estudiosos da maternidade sobre como seu trabalho foi ignorado, rejeitado, invalidado ou banalizado por feministas acadêmicas**; como as conferências de estudos das mulheres das quais participam têm poucos, se houver, artigos sobre maternidade; como a maternidade raramente é um tópico de discussão nas salas de aula de estudos para mulheres e raramente incluído em livros acadêmicos feministas; e como artigos sobre maternidade ou **resenhas de livros sobre maternidade estão quase ausentes nas principais revistas de estudos femininos**. Meu estudo de 2016 sobre o lugar da maternidade nos últimos dez anos - em contextos como painéis de conferências da *National Women's Studies Association*, bem como nas principais revistas feministas, como *Signs*, *Frontiers*, *Women's Studies Quarterly*, *Feminist Studies*, e *Gender and Society* e em livros e programas de estudos de gênero e mulheres - confirmou essa evidência antidoto, já que apenas 1 por cento a menos de 3 por cento do conteúdo é dedicado ao tópico da maternidade (Feminismo Matricêntrico). Dado que 80 por cento das mulheres se tornam mães durante a vida, há uma evidente desconexão entre o mínimo de representação da maternidade no feminismo acadêmico e na vida real da maioria das mulheres.

A **demanda por uma teoria e prática baseada em uma identidade específica das mulheres** dificilmente é uma reivindicação inovadora ou radical. Nos últimos quarenta anos, muitos grupos de mulheres argumentaram que o feminismo dominante - amplamente entendido como feminismo liberal - não representou adequadamente suas perspectivas ou necessidades. **Mulheres de cor**, por exemplo, têm defendido que o feminismo deve abordar a interseccionalidade de sua opressão como mulheres racializadas, um feminismo agora conhecido como *womanism*; mulheres do Sul Global tem articulado o desenvolvimento de uma teoria do feminismo global; e mulheres queer, lésbicas, bi e trans têm apoiado o crescimento da teoria e do ativismo feminista queer. Da mesma forma, o desenvolvimento do feminismo de terceira onda na década de 1990 surgiu do sentimento de alienação das mulheres jovens dos objetivos do feminismo de segunda onda. Quando essas mulheres exigiram uma teoria feminista própria, o movimento feminista mais amplo reconheceu, embora muitas vezes com relutância, que essas mulheres haviam sido excluídas do cânone mais amplo do pensamento feminista. A teoria feminista foi posteriormente revisada para incluir essas diferentes posições e perspectivas dentro do feminismo. **A maior parte da introdução aos livros ou cursos de estudos femininos agora inclui capítulos ou unidades sobre feminismo socialista, feminismo global, feminismo queer, feminismo de terceira onda e feminismo, e essas perspectivas e**

¹ Mothering.

tópicos estão bem representados em conferências de estudos femininos e em periódicos de estudos femininos.

No entanto, à medida que as mães começaram a clamar pelo feminismo para e sobre as mães na última década e a pedir sua inclusão em um feminismo acadêmico, seus apelos não foram recebidos com o mesmo respeito ou reconhecimento. Na maioria das vezes, suas reivindicações eram rejeitadas, banalizadas, desacreditadas e ridicularizadas: por que as mães precisariam de uma perspectiva feminista centrada na mãe? A pergunta implica que as mães não têm necessidades ou preocupações separadas de sua identidade mais ampla como mulheres. Me incomoda profundamente que as feministas possam compreender a interseccionalidade da opressão de gênero quando se trata de raça, classe, sexualidade e localização geográfica, mas não para a maternidade. Mas eu argumentaria - e suspeito que a maioria das mães concordaria - que a maternidade precisa ser entendida da mesma forma em termos de teoria interseccional. A categoria de mãe é distinta da categoria de mulher: muitos dos problemas que as mães enfrentam - sociais, econômicos, políticos, culturais e psicológicos - são específicas para seu trabalho e identidade como mães. Em outras palavras, as mães não vivem simplesmente como mulheres, mas como mulheres mães, assim como as mulheres negras não vivem simplesmente como mulheres, mas como mulheres racializadas. Além disso, a opressão e a resistência das mães sob o patriarcado são moldadas por sua identidade materna, assim como a opressão e resistência das mulheres negras são moldadas por sua identidade racializada. Assim, as mães precisam de um feminismo próprio - que posicione as preocupações das mães no ponto de partida para uma teoria e uma política de empoderamento. Para mim, isso parece evidente. Por que então a maternidade não é entendida como uma posição de sujeito e, portanto, não é teorizada como com outras posições de sujeito em termos da interseccionalidade da opressão e resistência de gênero? Por que não reconhecemos as perspectivas específicas das mães como fazemos com outras mulheres, sejam elas homossexuais, da classe trabalhadora, racializadas e assim por diante? Por que as mães e a maternidade não contam ou importam?

Em meu livro de 2016, *Matricentric Feminism: Theory, Activism, and Practice*, considero várias razões para o que chamo de “negação da maternidade” no feminismo acadêmico. Aqui, compartilho duas dessas considerações: a confusão da maternagem com a maternidade e a fusão do maternalismo e, portanto, do essencialismo de gênero, com o feminismo matricêntrico. Samira Kawash em seu artigo de revisão sobre a maternidade argumenta que “a marginalização da maternidade no pensamento feminista nos últimos 15 anos foi uma rejeição política da política maternalista construída como uma reação ao feminismo e o resultado de convulsões dramáticas na teoria feminista” (971). De fato, Kawash argumenta que “no final dos anos 1990 o feminismo diferencial foi eclipsado e não era mais um tópico sério de discussão em programas de pós-graduação feministas ou na imprensa feminista acadêmica.” “A desconstrução da ‘mulher’ e os relatos pós-estruturalistas de gênero e poder”, ela continua, “deixaram a maternidade de lado, uma embaraçosa relíquia teórica de uma visão ingênua anterior da mulher essencialista e de sua sombra, a mãe essencial” (971). Com base no argumento de Kawash, argumento que é mais precisamente uma leitura errada da maternidade e o maternalismo no feminismo matricêntrico que resultou na rejeição da maternidade no e pelo feminismo acadêmico.

Confundindo a experiência da maternidade com Maternidade

TRADUÇÃO LABORATÓRIO PIRATA

É minha opinião que a recusa da maternidade no feminismo acadêmico é o resultado de um desconforto feminista maior e generalizado com todas as coisas maternas e, mais especificamente, o resultado de confundir a instituição da maternidade com a experiência da maternidade. Muito do feminismo de segunda onda - em particular o do feminismo liberal e libertário radical - vê a maternidade como uma causa significativa, se não determinante, da opressão das mulheres sob o patriarcado. Como Rosemarie Putnam Tong observa em sua segunda edição de *Feminist Thought, The Feminine Mystique*, de Betty Friedan, um texto feminista liberal central, "aconselhou as mulheres a se tornarem como os homens" (31). A agora infame citação de *The Feminine Mystique* - "o problema que não tem nome" - rapidamente se tornou um tropo para a insatisfação supostamente sentida por mães que ficam em casa. Friedan afirma que "em vez de objetivos mais significativos, essas mulheres gastavam muito tempo limpando suas casas já arrumadas, melhorando sua aparência já atraente e satisfazendo seus filhos já mimados" (69-70). Além disso, Friedan argumenta que "as mulheres contemporâneas precisavam encontrar um trabalho significativo na força de trabalho pública de tempo integral" (22). Na mesma linha, a feminista libertária radical Shulamith Firestone afirma que "a base material para a ideologia sexual/política da submissão feminina e dominação masculina estava enraizada nos papéis reprodutivos de homens e mulheres" (qtd. Em Tong 52). Em outro lugar, o Firestone escreve o seguinte:

Não importa quanta igualdade educacional, legal e política as mulheres alcancem e não importa quantas mulheres ingressem no setor público, nada de fundamental mudará para as mulheres enquanto a reprodução natural permanecer a regra e a reprodução artificial ou assistida a exceção. A reprodução natural não atende aos melhores interesses das mulheres nem dos filhos assim reproduzidos. A alegria de dar à luz - invocada com tanta frequência nesta sociedade - é um mito patriarcal. Na verdade, a gravidez é bárbara e o parto natural é, na melhor das hipóteses, necessário e tolerável e, na pior, como uma camisa de abóbora. (92)

Para Friedan e Firestone, a maternidade é uma instituição patriarcal que causa a opressão das mulheres e, portanto, para elas, a solução feminista é repudiar e denunciar a maternidade.

No entanto, como estudiosos da maternidade e mães têm argumentado com razão, tal raciocínio é profundamente falho por não levar em consideração a diferença importante entre a instituição da maternidade e as experiências maternas das mulheres. Em *Of Woman Born*, Adrienne Rich distingue entre dois significados de maternidade, um sobreposto ao outro: "a potencial relação de qualquer mulher com seus poderes de reprodução e com os filhos"; e "a instituição - que visa garantir que esse potencial - e todas as mulheres - permaneçam sob o controle masculino" (13). O termo "maternidade" refere-se à instituição patriarcal da maternidade, que é definida e controlada pelo homem e é profundamente opressora para as mulheres, enquanto a palavra "maternagem" se refere às experiências femininas de maternidade e é definida por mulheres e potencialmente empoderadora para as mulheres. A realidade da maternidade patriarcal, portanto, deve ser distinguida da possibilidade ou potencialidade da maternidade feminista. Criticar a instituição da maternidade, portanto, "não é um ataque à família ou à maternidade, exceto conforme definido e restrito pelo patriarcado" (Rich 14). Em outras

palavras, a maternidade enquanto instituição é um local de opressão definido pelo homem, **as próprias experiências maternas das mulheres podem ser uma fonte de poder.** Há muito tempo é reconhecido entre os estudiosos da maternidade que a **distinção de Rich entre maternidade e maternagem** foi o que permitiu às feministas reconhecer que a maternidade não é natural, necessária ou inevitavelmente opressiva. Em vez disso, a maternagem, liberta da maternidade, poderia ser vivida como um local de empoderamento e um local de mudança social se, para usar as palavras de Rich, as mulheres se tornassem **"foras da lei da instituição da maternidade"**. No entanto, em grande parte do feminismo acadêmico, essa diferença crucial entre a instituição e a experiência não é reconhecida ou compreendida. Como resultado, a maternagem se confunde com a maternidade, e a maternidade é considerada única e exclusivamente uma entidade patriarcal.

Confundindo Feminismo Matricêntrico com Maternalismo e Essencialismo de Gênero

Uma perspectiva matricêntrica é frequentemente confundida com uma perspectiva maternalista. O feminismo matricêntrico, como já discutido, entende a maternidade como social e historicamente construída e **posiciona a maternidade mais como uma prática do que uma identidade.** Central ao feminismo matricêntrico é uma crítica da postura maternalista que posiciona a maternidade como básica e a base da identidade feminina; desafia a suposição de que a maternidade é natural para as mulheres (ou seja, todas as mulheres sabem naturalmente como ser mães) e que o trabalho da maternidade é impulsionado pelo instinto em vez da inteligência e desenvolvido mais pelo hábito do que pela habilidade. Embora o feminismo matricêntrico mantenha uma perspectiva matrifocal e insista que a maternidade importa, não apresenta um argumento ou agenda maternalista.

No entanto, o feminismo matricêntrico - em seu foco em uma experiência de gênero, a da maternidade (e as relacionadas à gravidez, parto e amamentação) - nos força a abordar a espinhosa **questão da diferença de gênero.** A teoria feminista, com a **notável exceção do feminismo da diferença cultural,** posiciona a diferença de gênero como central, senão a causa da opressão das mulheres. Feministas liberais defendem o que tem sido chamado de “feminismo da mesmice”, em que as mulheres se tornam mais parecidas com os homens; **feministas libertárias radicais** promovem androginia; e as **feministas pós-estruturalistas** buscam desestabilizar e desconstruir todas as diferenças de gênero. Na verdade, como Niamh Moore observa, **“desafiar o determinismo biológico** e outros essencialismos tem sido uma estratégia política crucial para as feministas” (qtd. Em Stephens 141). Assim, como as feministas se incomodam com qualquer coisa que ressalte a diferença de gênero e sugira essencialismo (ou seja, os homens são naturalmente assim, e as mulheres são naturalmente assim), **a maternidade se torna problemática, pois mais do que qualquer outra coisa é o que marca a diferença de gênero:** apenas biológica as mulheres podem se tornar biologicamente mães. E porque a diferença de gênero é vista como estruturando e mantendo o domínio masculino, muitas feministas procuram minimizar e **rejeitar qualquer coisa que marque essa diferença** - a principal, é claro, é a maternidade. Para muitas feministas, chamar a atenção para a subjetividade de gênero específica das mulheres como mães é subscrever um ponto de vista essencialista: reconhecer e afirmar o que é visto como marca e manutenção da diferença de gênero e, portanto, a opressão das mulheres. Na verdade, como Julie Stephens escreve em

Confronting Postmaternal Thinking: “o foco principal da segunda onda do movimento feminista tem sido **uma longa luta contra o essencialismo**, seja ele biológico, cultural ou ideológico. Isso torna qualquer discussão ligando mulheres e cuidados, ou maternidade e criação, particularmente preocupante” (10). Consequentemente, como Stephens continua a argumentar, “qualquer ativismo feito em nome da mãe será inquietante, particularmente para aqueles que percebem o feminismo principalmente como uma luta contra o essencialismo” (141).

Concordo que o gênero é construído - sexo não é igual a gênero ou como disse Simone de Beauvoir “não se nasce mulher, mas se faz” - e, portanto, as pessoas não podem se definir ou limitar suas vidas àquilo que é socialmente construído por gênero. No entanto, também acredito que **as feministas não deveriam repudiar a maternidade** para facilitar essa desestabilização de gênero. Acredito que seja possível argumentar simultaneamente que o gênero é construído e que a maternidade é importante e que a maternidade é parte integrante do senso de identidade da mulher mãe e sua experiência do mundo. Em minha opinião, **a apreensão sobre a diferença de gênero é o elefante na sala do feminismo acadêmico**; encerrou conversas necessárias e necessárias sobre importantes - e sim de gênero - dimensões biológicas da vida das mulheres: menstruação, gravidez, parto, amamentação e maternidade. **As mães não podem mais falar sobre suas identidades e experiências reprodutivas sem serem chamadas de essencialistas. Mas os estudiosos da maternidade não reduzem o senso de identidade das mulheres à maternidade, nem dizem que isso é o que a torna uma mulher ou que a maternidade é mais importante do que outras variáveis que a constituem.** Dizem apenas que a maternidade é importante e fundamental para a compreensão da vida das mulheres como mães. Assim, as mães precisam de um feminismo, tanto na teoria quanto na prática, para e sobre suas identidades e experiências como mães.

Direção para Pesquisa Futura

“Os estudos da maternidade como uma área de conhecimento”, escreve Kawash, “estão em bases precárias: ignorada pelo feminismo acadêmico dominante, fragmentada e descontínua nas margens acadêmicas”(986). Ao apresentar esse argumento, Kawash usa como exemplo a recusa da York University em fornecer financiamento institucional para a *Association for Research on Mothering (ARM)* e o fechamento resultante da associação em 2010. Kawash escreve que “o fato de que nem o sistema universitário, nem a instituição acadêmica nem o feminismo parece disposto a apoiar uma comunidade acadêmica e um programa de pesquisa que aborde explicitamente a maternidade é desencorajador ” (986). No entanto, como Kawash continua a argumentar, “mas o fato é que, mesmo antes de York puxar a tomada, a comunidade acadêmica estabelecida ignorou completamente o trabalho da ARM. Nem o trabalho de Reilly nem os volumes Demeter foram revisados em qualquer periódico feminista e o JARM tinham poucos assinantes institucionais” (986). Assim, “embora a maternidade tenha sido um tópico estimulante na última década”, Kawash argumenta, “houve pouco movimento de ultrapassagem de fronteiras entre a discussão acadêmica e popular, e o movimento entre os estudos feministas e os estudos da maternidade foi apenas em uma direção” (986). Mas Kawash conclui com o seguinte:

teóricas feministas, acadêmicas e escritoras, bem como ativistas feministas de mães, têm muito a dizer um ao outro, e muito a aprender um com o outro, sobre a maternidade. Os estudos da maternidade precisam das perspectivas e compromissos do feminismo, bem como dos recursos institucionais que o feminismo e os estudos das mulheres acumularam nas últimas quatro décadas. Ao mesmo tempo, o feminismo não pode esperar permanecer relevante sem reconhecer a maternidade em todas as suas contradições e complexidades. (986-87)

De fato, nas palavras do teórico materno Patrice DiQuinzio, uma vez que “a maternidade em todas as suas diversas formas continua sendo um aspecto importante da vida das mulheres e que as decisões sobre se, quando e como ser mãe continuam a enfrentar quase todas as mulheres, o feminismo não pode alegar dar uma explicação adequada de vida das mulheres e para representar as necessidades e interesses das mulheres se ignorar a questão da maternidade” (“*Mothering and Feminism*” 545).

Conclusão

Neste artigo, apresentei o feminismo matricêntrico, discuti a recusa da maternidade no feminismo acadêmico e sugeri uma possível explicação para sua exclusão. No entanto, apesar da recusa da maternidade no feminismo acadêmico, temos uma teoria feminista e um movimento próprio. Mas o feminismo matricêntrico deve ser mais do que reconhecido como uma escola legítima, viável e independente de pensamento feminista; deve ser integrado ao feminismo acadêmico dominante. Mas como podemos realizar isto? Precisamos de mais mulheres com bolsa/conhecimento de maternidade e mais professoras mães na academia. Exigimos que o feminismo matricêntrico tenha um capítulo próprio, assim como outras escolas da teoria do feminismo - queer, global, feminista, terceira onda - em nossos leitores de teoria feminista, que a introdução aos cursos de estudos femininos e livros didáticos inclua seções sobre maternidade, que as mulheres jornais e conferências incluem mais artigos sobre maternidade e mais livros sobre maternidade são revisados. Devemos continuamente desafiar a fusão da maternagem com a maternidade dentro do feminismo acadêmico, bem como combater a associação do feminismo matricêntrico com o essencialismo de gênero. E de forma decisiva e urgente, devemos interromper a narrativa recebida do feminismo acadêmico - em particular sua normalização do sujeito sem gênero e autônomo - a fim de destacar a centralidade das identidades reprodutivas e vidas das mulheres e a importância do cuidado em nossa cultura mais ampla. Na verdade, como Ann Marie Slaughter comenta, “a mensagem final é que nunca vamos conseguir igualdade de gênero entre homens e mulheres, a menos que valorizemos o trabalho de cuidar tanto quanto valorizamos o trabalho remunerado. “Esse é o negócio inacabado” (qtd. Em McCarthy). Finalmente e mais importante, devemos exigir que as feministas matricêntricas sejam reconhecidas e respeitadas como as feministas que são e que seu feminismo, o do feminismo matricêntrico, tenha um espaço próprio na casa maior do feminismo acadêmico.